

sinamentos de Jesus, Redentor do mundo, cuja doutrina é baseada em principios ativos da Moral, onde aprendemos a ser justos verdadeiros, bondosos e virtuosos com espontaneidade.

CIRCULO DE PAIS E PROFESSORES

O Circulo de Pais e Professores, no grupo escolar José Verissimo, está em promissora animação, graças á dedicação e espirito de iniciativa da diretora daquele estabelecimento professora Antonieta Serra Freire Pontes.

O nosso Regulamento do ensino em vigor dá competencia ás diretoras dos grupos escolares para «promover a criação do Circulo dos Pais», no intuito de interessar a cooperação destes na educação dos filhos, organisando o respectivo regimento (art. 45 paragrafo 16).

O exemplo da diretora Serra Freire já está lançado. Urge que os outros grupos promovam novos circulos. No seu brilhante artigo publicado em nosso numero anterior o venerando professor Mateus da Carmo assim expõe a magnifica finalidade do Circulo:

Para isso o Circulo se obriga: *a)* a interessar a familia dos socios na vida escolar, participando das solenidades promovidas pela escola; *b)* promover a aproximação dos pais e professores de classes dos respectivos filhos; *c)* facilitar torneios de cultura fisica, instituindo premios aos vencedores; *d)* contribuir para educação fisica e moral dos socios por meio de palestras, circulares, inqueritos, etc; *e)* concorrer para a educação estetica da familia, despertando e desenvolvendo o sentimento de conforto no lar. *f)* interessar-se pelo ex-aluno, encaminhando-o ás escolas profissionais noturnas, estabelecimentos fabris ou comerciais; *g)* manter, para uso dos socios, bibliotecas em que figurem, de preferencia, obras sobre a educação e higiene infantil; *h)* velar pela saúde do associado e sua familia, encaminhando-o, quando preciso, aos postos de profilaxia e dispensarios, etc.

APRENDER a conhecer a criança é, para o educador, o primeiro dos devres.

PAUL BERNARD

Historico RAMOS PINHEIRO

PROFESSORA JOSEFINA RABELO

Presados alunos.

Imensa é a minha satisfação por ter a oportunidade de dirigir-vos hoje a palavra, em desempenho do dever que me cabe conforme a determinação do sr. dr. Diretor Geral do Ensino.

Iniciando as nossas palestras, tive a feliz idéa de dissertar sobre um assunto digno de vossas atenções.

Eu quero falar-vos da personalidade desse grande educador, que se chama Augusto Ramos Pinheiro.

Pronunciando-lhe o nome, eu o faço com a maior veneração a que a sua grata e saudosa memoria faz jús.

Historiar-lhe a vida, mesmo em rapidos traços como vou faze-lo, é render um sincero preito de admiração ao seu nome inesquecível e tributar a sua lembrança inovidavel uma homenagem a que só tem direito os que como êle, foram grandes pelo privilegio da intelligencia sempre posta ao serviço da causa sacrosanta da instrução.

Meus caros alunos, Augusto Ramos Pinheiro, foi uma das estrelas de primeira grandeza que fulguraram admiravelmente no seio do magisterio primario do Pará.

Fazendo da sua nobre e honrosa profissão um verdadeiro sacerdocio, dedicando-se com amor á tarefa espinhosa do ensino, incontaveis são as intelligencias que se desabrocharam ao calor de suas proveitosas lições de mestre competente.

Nascido na tradicional cidade da Vigia, a perola do Salgado, berço de tantos homens illustres, Augusto Pinheiro soube elevar bem alto o nome do lugar de seu nascimento.

Modesto e pobre, tinha na frente a limpidez das consciencias tranquilas

Trabalhador e honesto, brincava-lhe nos lábios o sorriso constante da bondade, que êle derramava prodigamente sobre os seus alunos queridos.

Cumpridor fiel dos deveres, foi um dos abalizados professores paraenses que souberam honrar dignamente a sua classe.

A sua atividade mental êle a dedicou especialmente pelo interior do nosso Estado.

Vigia e Curuçá devem ufanar-se de apresentar hoje gerações que receberam os ensinamentos de mestre tão conspicuo.

Inteligente de escol aprimorada e fértil, Augusto Ramos Pinheiro, aproveitando o tempo que lhe sobrava dos seus afazeres de professor, no recesso do seu gabinete de trabalho, não se descuidava de prodigalizar maiores benefícios aos interesses da instrução de sua terra.

E assim deu publicidade a alguns livros didáticos que são obras merecedoras de justificados elogios não só pela sua correção de linguagem, como também pela clareza e exposição dos assuntos.

Destes livros alguns tiveram adoção oficial.

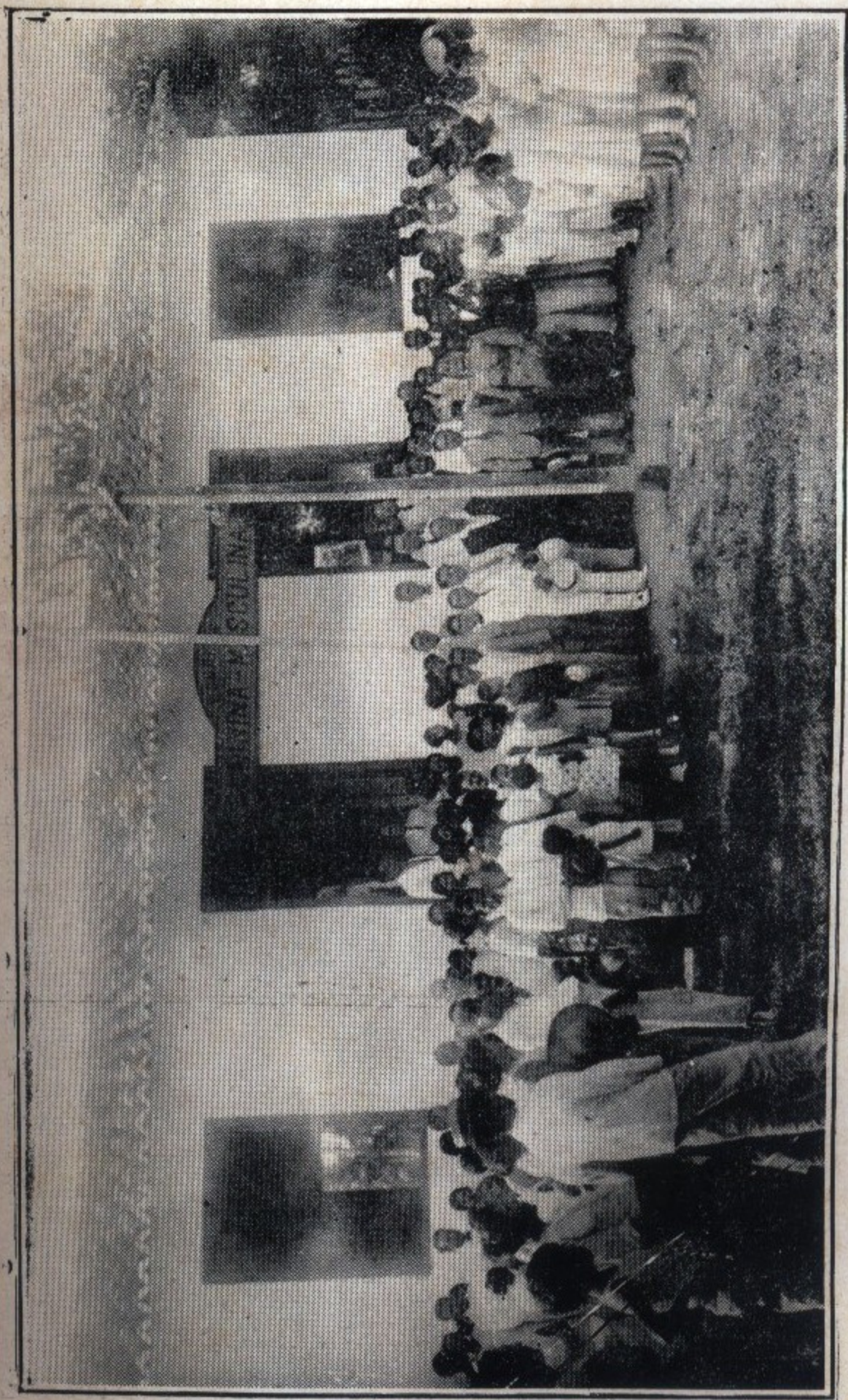
Após tantos e tantos anos de incessante labor, o seu organismo, como era natural, fora minado por cruel enfermidade. Não obstante haver procurado todos os recursos para livrar-se da mortal doença, que a ciência com os seus poderes não abateu.

Augusto Ramos Pinheiro veio a falecer na cidade de Curuçá, por entre as lágrimas sentidas de sua família, envolto nas lamentações angustiadas dos seus amigos e condiscipulos. Curuçá num preito de gratidão e reconhecimento prestou-lhe uma das maiores homenagens funebres até então vistas naquela cidade.

Eis, ai, em traços ligeiros, a vida de um professor cuja memoria devemos respeitar e venerar.

A educação nova, longe de deprimir o valor do livro, o reabilita pela «nova função» que lhe attribue como um instrumento de trabalho.

FERNANDO DE AZEVEDO



Visita do Major Interventor Federal a escola publica de Muaná

estreito e mais das vezes se encerrava nas altas muralhas da *Bastilha*, a fortaleza-presidio, onde se amordaçavam as consciências aos enclausurados que, por ventura, não entoassem lônas aos dominadores da época.

Chegara, então, o momento mais crítico para a situação económica da França: a nação gaulesa encontrava-se ás portas da bancarrota, sem que a côrte, ofuscada no seu deslumbramento, nada fizesse, nem consentisse sequer na radical modificação do sistema tributario e nas medidas de rigorosa parcimonia nos gastos.

Despresam-se acertados e oportunos conselhos do eminente economista Necker e aceita-se a flutuante orientação de Calonne, que chegou a effectuar emprestimos sobre emprestimos, cuja derrama, sem nenhuma visão patriótica, muito contribuiu para ultimar a vertiginosa desagregação do absolutismo francês.

Realisada a eleição do Terceiro Estado, eis alcançada a primeira vitoria da soberania popular sobre a realesa, que tenta a dissolução da Assembléa Nacional, reagindo esta com a energica attitude revolucionaria de Mirabeau, que exclama dentro do proprio recinto da Assembléa:—estamos aqui pela vontade soberana do povo e só daqui sairemos pela força das baionetas. Dessa imortalisada apostrofe que reflete, atravez dos tempos, a rija tempera dalma do eminente tribuno francês, saíra o memoravel e destemido brado que produziria o começo da luta entre o povo e a realza.

Luiz XVI, vendo o perigo que o ameaçava, tentou medidas de repressão tardias e falhas, pois o joven Camilo Demoulins, orador inflamado, cheio de ardente amor patriótico, levantou o povo parisiense que, aposando-se de canhões e fuzis dos Invalidos, assaltou a celebre Bastilha, matando o governador e os seus defensores, cujas cabeças decapitadas fôram metidas em piques e passeadas pelas ruas de Paris. E assim raiara a Liberdade no solo da França, logo depois de consolidada pelos chamados Direitos do Homem.

Presados alunos, tendes aí, nos seus principais aspectos, o empolgante quadro da Revolução Francêsa. E, se realmente, a Revolução, nesse memoravel 14 de julho de 1789, não conseguiu de todo mudar o estado de penuria do povo francês, teve entretanto a relevante primasia de despertar noutros povos os anceios de liberdade e independencia, como sucedeu em nosso país com a destemerosa Conjuração Mineira, primeira semente lançada no solo brasileiro para as futuras con-

quistas de-liberdane patria. O 14 de julho é uma data comemorada festivamente entre as nações cultas do mundo, porque assinala o inicio, o despertar da apatia em que até então vegetavam os povos subordinados ao dominio dos prepotentes. Exprime ainda uma elevada e nobre significação grandiosa, servindo de paradigma aos que aspiram viver livres e independentes no seio das verdadeiras democracias. Cabe-lhe bem na Historia o cognome de Confraternização dos Povos. E' para causar apreensões que certos países perdurem ainda a exercitar governos de prepotencia, recuados ás velhas éras autocratas do antigo feudalismo; mas, para honra da moderna cultura, tais países vêm frustadas as suas condenaveis normas administrativas cuja execução, nesta hora de profundas transformações politico-sociais, produziria certamente outras tantas Bastilhas e consequentes Revoluções Francêsas. Precisamos, pois, de liberdade para podermos serenamente desfrutar a paz. E viver desfrutando a paz, meus bons alunos, é assim cultivar a instrução, é preparar, é lapidar a intelligencia, é beber nos livros os ensinamentos com que reunireis fatores de contribuição para o soerguimento, na robustez de seus alicerces, desta grandiosa e amada terra que nos deu o berço—o Brasil—e para atingir a esse culminante objetivo, é imprescindivel o emprego sistematico desse elemento que rutila como o proprio sol. E' indispensavel a instrução, sem a qual a liberdade deixa de ser utilitaria, para transmutar-se numa debil figura inexpressiva, incolor, morta. E somente a instrução pode, efetivamente, crear um perfeito estado de consciencia moral e civica, a conseguir, em toda sua plenitude, a felicidade dos povos que fazem de sua cultura o escôpo de suas grandiosas realizações.

Liberdade sem instrução resulta contraproducente, estabelece a anarquia, vai aos excessos, atinge e ultrapassa os absurdos. Dahi o imperativo da instrução em face da liberdade outorgada aos povos por leis sabias e modelares. E, se realmente, Almejais para o vosso país um situação de independencia, de prosperidade e de paz frutuosa, buscai na instrução o mais belo fruto que ela poderá produzir: a liberdade, mas a liberdade adstrita ás regras disciplinares, que faça de cada um dentre vós um elemento de valor, o cidadão de uma verdadeira Democracia, o soldado de uma Patria grande e feliz e assim, meus alunos, tereis alcançado a culminante finalidade da existencia humana.

O professorado leigo, particular ou publico, deve repelir ou alimentar o ensino religioso nas escolas?

GRAZIELA MOURA DE PAULA RIBEIRO
(Professora das escolas reunidas «Carlos Nascimento»)

No baratro dos sentimentos desordenados, que afligem as sociedades modernas, tornando a vida quasi insuportavel e conduzindo esses doentes mo-
raes da penuria ao suicidio, nós, os educadores, temos indagado qual será a origem dos males que nos afligem, e qual o antidoto que devemos opôr ao alastramento dessa grande enfermidade contagiosa e prejudicial.

Se a moral no seio das nossas familias, continua, graças a Deus, estavel e bem conformada, a moral publica torna-se entretanto cada vez mais defeituosa e digna de commiseração

O espirito religioso deve ser o principio cardeal da instrucção e da educação do povo.

«As crinças religiosas não são simplesmente phenomenos peculiares da infancia das raças.

São elementos caracteristicos da evolução social. Na sua eterna lucta com a razão, nunca o sentimento ficou vencido. E os povos dirigem-se sempre pelo sentimento». Isso nos diz um dos mais competentes tratadistas da questão social na Europa.

O Brasil que se chamou Terra de Santa Cruz, que foi descoberto pela cruz dos cruzados, não deve se envergonhar de pronunciar o nome de Deus nas suas maiores ceremonias publicas.

Quem poderá esquecer que aos religiosos, sobretudo aos jesuitas, é que devemos os primeiros assomos da nossa instrucção popular? Quem poderá deixar de recordar nas nossas escolas, com bastante desvanecimento e com muito carinho patriótico os nomes de Gabriel Malagrida, João de Souto Mayor, Gaspar Fragoso e desse vulto immortal na nossa lingua e no nosso ensino regional, que se chamou Antonio Vieira? E essa figura eminente que muito trabalhou na fundação de nossa querida patria, o padre Anchieta, cujo tricentenário de nascimento festejamos ha pouco, prestando à sua memoria o culto da nossa veneração?!

E outros sacerdotes que se illustraram e se dedicaram ao ensino dos nossos antepassados e que se chamaram Felix Leão, Pinto Marques, Andrade Muniz, Antonio Cunha, brilhante constellação de homens doutos que tiveram por alpha radiante essa brilhante estrella de 1.^a grandeza que rutilou no céu de nossa patria e que se chamou D. Antonio Macedo Costa?!

A escola é um templo onde a ideia de Deus não pode ficar no olvido; o mestre é um sacerdote, todo o mundo repete, mas não ha sacerdocio sem culto.

Diz Monsablé: «Tirae Deus das escolas, lançastes o joio no meio do trigo da vossa seara ». Até o proprio Voltaire disse: «Da mesma forma que a moral é o principio de todo ensino, Deus é o principio de toda moral e portanto o ensino sem Deus é infructifero para o bem social »

Que bella licção de moral não está na recitação do Padre-nosso e na invocação da Ave-Maria? Meditemos bem : aquella é o resumò de um grande compendio de philosophia, que bem explicada às crianças pode inculcar-lhes sentimentos de misericordia e de resignação: «Seja feita a Vossa vontade assim na terra como no céu». A invocação á Virgem

Mãe, quantas licções poderá deixar no coração angelico das crianças, ensinando-lhes a modestia e a innocencia, todas ás virtudes inactas a essa quadra feliz da nossa infancia!

Repitamos o que disse Voltaire: «O ensino de Deus faz o Deus do ensino. Uma escola sem o germen religioso é qual uma seára abandonada onde crescem os espinhos e cardos sem que a foice do lavrador venha para desbastal-a».

Diz Rousseau, o grande philosopho da Revolução Franceza: «Nas lettras educam-se os entendimentos; na moral, os corações, na religião, a propria moral».

Não sou favoravel ao fanatismo, mas não posso deixar de olhar com commiserção para a impiedade, para o cepticismo e sobretudo para a indifferença religiosa.

«A benção de Deus é um capital immenso que nos abastece de tudo, e não permite que tenhamos falta de coisa alguma».

Belém do Pará, 4—7—934.

REGENTE-SE este numero de ESCOLA da falta de unidade orthographica, pois, ao ser baixado o recente decreto do Governo que dispõe sobre a orthographia official, já estavam impressos varios trabalhos, escriptos na orthographia simplificada.

O ENSINO DO DESENHO

JOSÉ BANDEIRA

Em se tratando do ensino do desenho, o Brasil, o pobre Brasil que somente agora principia a sahir da somnolencia em que viveu por centenas de annos, ainda está nos tempos recuados em que só aprendia a desenhar quem tinha aptidão especial. Procura-se aqui, para leccionar, «não um professor, mas um individuo cuja profissão permitta a presumpção legal do conhecimento amplo da materia a ensinar» um pintor de nomeada, por exemplo, que «não podendo alcançar os objectivos pedagogicos do ensino do desenho, envereda pela unica trilha que lhe parece razoavel, isto é, o ensino do desenho como preparação artistica».

Em todos os collegios e escolas se ensina o desenho, mas muito reduzido é o numero dos que aprendem.

O desenho é uma materia de luxo, que figura em todos os programmas, como um reclame luminoso de arranha-ceu da Quinta Avenida...

E o conceito velho, rescendendo a môfo, de Alexandre Bain, resurge, então, para explicar o fracasso, dizendo que o desenho é apenas uma fonte de goso esthetico, especie de palacio de crystal onde só têm entrada mui raros privilegiados...

Não é que, como na França, não haja apparecido, quando lá se adoptavam os mesmos processos que adoptamos, um Viollet-le-Duc, a apresentar o desenho como «uma feição de linguagem graphica» rasgando novos horizontes ao ensino profissional, pois as Escolas de Aprendizes Artifices Brasileiras lançaram, como o celebre architecto francez, as bases de uma methodologia sem empirismos grosseiros.

E' que parece não se ter ainda acomodado aos nossos ouvidos, a tradução da verdadeira finalidade do desenho, que continúa para nós a só servir para representar peneas de bananas maduras, ou retratos com as setes cores do arco iris...

O desenho, modernamente, é considerado como o mais valioso educador da visão, desenvolve a habilidade manual, auxilia a educação esthetica, pode servir como verificador da capacidade de observação, e é indiscutivelmente a mais expressiva e accessivel linguagem immediata.

Comprehendendo a finalidade do desenho, que é, sobretudo, crear um recurso de representação e expressão, as nações cultas, que comprehendem a importancia da educação nos destinos dos povos, atacaram seriamente o problema, e como resultado, podemos verificar que nos paizes iniciadores de tal movimento, (Estados Unidos, Allemanha, Inglaterra, etc.) o desenho é utilizado por todos como um meio de expressão tão usual como a linguagem e a escripta.

* * *

Todo o professor conhece o «complicado mechanismo de que se compõe a vida de uma creança». Decididamente, não ha mechanismo mais dynamico, de mais volubidade. Com uma atracção irresistivel para as cousas perigosas, vemos as pequenas creaturinhas a quererem fazer do fogo, das thesouras, das arvores esgalhadas, motivos predilectos para as suas brincadeiras e travessuras.

Agora o que nos interessa; todos os alunos poderão aprender a desenhar? Sim, porque todos desenham e com um desembaraço admiravel! Não ha exaggero nenhum em semelhante affirmativa.

Onde estará o papae ou a mamãe que já não se tenha aborrecido seriamente com as garatujas que os pequeninos desenhistas expontaneos fazem a carvão pelas paredes, pelos muros, no soalho, e até a canivete, pelos moveis? Não são, naturalmente, cousas perfectas, pelo contrario, mas pode-se exigir cousa bem acabada quando não se pode fazer outro tanto em relação á escripta e á linguagem oral?

Devemos repetir sempre, que, o desenho é um meio de expressão de tanta utilidade como as palavras e a escripta, tendo ainda a grande vantagem de desenvolver, no mais alto gráo, as qualidades de observação, indispensaveis a quem estuda.

Vejam agora o que faz o professor para ensinar desenho, saber desenhar é o sonho que todo o petiz acalenta; vae, pois, a aula com prazer... sua illusão, entretanto, logo se desfaz.

O professor põe sobre a mesa uma fructa ou um objecto qualquer, quando não é um modelo de gesso, e espera, sem mais explicações, que a classe execute a sua ordem.

Ora, é claro que alguns, os que têm vocação artistica, fazem alguma cousa. Mas os outros—a grande maioria—fica absolutamente em jejum de uma aula tão aborrecida. E o desinteresse vem fatalmente. Dahi, vão os pequenos á aula com a mesma resignação estoica com que ouviríamos um bellissimo discurso em chinez.

Um professor de desenho que considere ser um absurdo esquecer, nas aulas, a psychologia infantil, seguirá rumo inteiramente differente do que o que acima ficou explanado.

Seria um phenomeno, um menino com saúde, ficar quietinho, sentado, á hora alegre das correrias e dos folguedos. Malandragem, falta de gosto, etc., etc., e outros qualificativos com que os professores denominam o desinteresse das creanças pelas suas aulas, são perfeitamente explicados pela sua vibratilidade, contraria a cousas serenas.

«Um menino não é um animal caseiro. Não é um animal feito para ficar sentado. Tampouco é um pacifista; não professa o adagio—a segurança acima de tudo—não é um rato de bibliotheca nem um philosopho.

E' um menino—Deus o abençõe—transbordante de riso, de lucta, de appetite, de audacia, de barulho, de observação, de asneira, de agitação. Não sendo assim, é anormal».

* * *

Sendo assim um menino, vamos ensinal-o a desenhar. O ensino do desenho deve proceder o da escripta, que de qualquer forma é um desenho difficil e sem interesse. Não vamos esperar que elle faça tudo ás mil maravilhas. Não digamos nunca «isto não presta, você não dá para isto, procure outro officio» que só servem para desanimar os espiritos em formação.

Todos os paes acham uma cousa adoravel o saber desenhar, ambicionando sempre que os seus filhos aprendam. Entretanto a tendencia geral é de desinteresse, quando não tende a abafar os primeiros ensaios da creança.

As primeiras palavras dos bebés, todos acham uma graça ingenua e encantadora; applaudem-se os

primeiros ensaios da leitura, que já demonstram desenvolvimento da intelligencia. A's primeiras manifestações do desenho ninguem dá importancia, ninguem estimula, e a creança acaba se convencendo de que aquillo não tem mesmo nenhum valor.

*
* *

Principiemos, então, por contar uma historia movimentada e interessante, cheia de aventuras, em que haja selvagens, luctas de feras, corridas loucas de aeroplanos, etc. Esta é primeira parte do ensino, para que as creanças *vejam* subjectivamente o que vão desenhar.

Prompto o quadro subjectivo, pediremos então que nos desenhem umas scenas da historia. Ella, vae fazer, com a sua technica objectiva (veja-se a fig. 1) um desenho que quasi sempre nos surprehenderá.

Os nossos alunozinhos ficarão deslumbrados pois será para elles motivo de grande alegria verificarem que nos interessamos pelos seus trabalhos, que só ás escondidas, outrora, poderiam fazer.

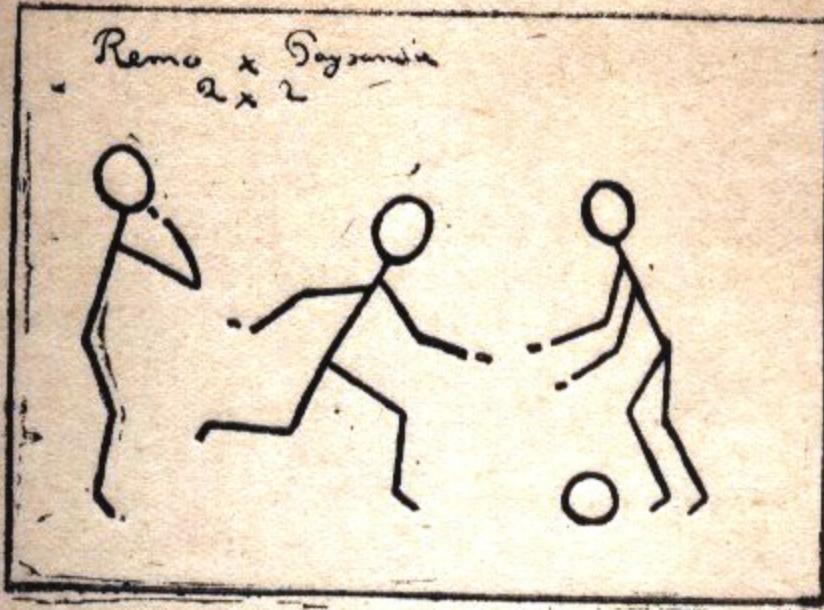
Corrigiremos, então, os trabalhos, levando-os a descobrirem os erros grosseiros, no quadro negro. Devemos mesmo refundir todos os desenhos.

Isto é um pouco difficil. Dá trabalho. Mas um professor (esta iniciação deve ser feita pelo professor primario, e nunca por um especialista) que esteja em condições de realisar estas correcções, melhor será que desista da sua profissão, para interesse e felicidade do ensino.

Pela sua natureza activa, é natural que a creança prefira sempre motivos movimentados. Não se espera que a ella desenhe um «Pensador» ou uma «Contemplação». Um vehiculo em disparada, o choque de duas locomotivas, uma partida de foot-ball, serão sempre os seus motivos predilectos.

Mais tarde, então, quando a idade permittir, ella sentirá necessidade de desenhar melhor, de detalhar cuidadosamente. E' quando começa a segunda phase. Como não pode fazer trabalhos substanciosos, principia com cousas FACEIS DE COMPREHENDER. FACEIS DE REPRESENTAR, FACEIS DE EXECUTAR: folhas, depois galhos, arvores, e assim gradativamente.

Devemos cuidar attentamente da perfeita concepção de imagem subjectiva. Enquanto o alumno mos-



(Fig. 1)



(Fig. 2)

trar indecisão, não o deixemos principiar. E' contra-producente e immoral o processo que, infelizmente, ainda usam alguns professores de retocar os trabalhos dos alumnos. Principiemos por explicar detalhadamente o desenho, e a sua execução, no quadro negro, que todas as difficuldades serão vencidas. A nossa attenção deve estar voltada não para os que têm inclinação, mas para os mais incapazes. Se acontecer apparecer um erro depois do serviço principiado, o nosso trabalho se resume em chamar a attenção do alumno—tem um erro no seu desenho; se elle não o descobrir, procuraremos encaminhal-o, mas não digamos directamente os se encontra a falta de observação ou de habilidade manual.

Com uma methodologia correcta, todas as pessoas podem apprender a desenhar. Frizemos mais uma vez que saber desenhar não importa em ser artistas. Estes, privilegiados, têm a facilidade como dom especial; mas com um pouco de boa vontade conseguiremos pelo exercicio aquillo que a natureza nos legou. Não esqueçamos que «A prática produz a perfeição».

Para todos os que olham com imparcialidade a movimentação intensa que se opera no ensino paraense, não é necessario augmento; visto, mesmo, atravez do crystal simples e sem refração especial a todos os que verdadeiramente se interessam pelo problema que resume em si todos os problemas brasileiros.

Existe a vontade de disseminar o ensino.

As creanças aprendem.

E surge por toda a parte a manufactura grandiosa do aparelhamento das intelligencias; como uma evocação á Hellade cheia de belleza, pompeiam as ágoras na movimentação das cidades, no suburbio, no interior longinquo...

E' a verdadeira apothese da nossa patria que se esboça e se annuncia, a apothese do valor, oriunda da educação.

Infelizmente, o jacto de luz renovadora ainda não incidiu sobre o ensino do desenho.

Quando um estrangeiro illustre se atreveu a criticar o physico do homem brasileiro, já o sr. Major Intentor havia dotado o nosso Estado de um estabelecimento aparelhado com todo o rigor da technica, para cuidar physicamente das futuras gerações paraenses. Oxalá, quando um outro venha dizer que não sabemos desenhar, possa o idealista numero um da

grande obra educacional ter feito outro tanto em relação á aprendizagem da linguagem universal, nome por que, modernamente, principia a ser conhecido o ensino do desenho.

CAIU a reforma ortografica. Regressamos, melancolicamente, áquele velho sistema ortografico com que os constitucionalistas de 89 assinaram a lei politica do paiz.

Voltamos ao parasitismo etimologico. Pseudo-etimologico. Tudo isso é muito bom. Não discutamos sobre as razões deste ou daquele. O que se lamenta é o plano de confusionismo que juraram estabelecer na grafia da lingua. Brincamos com o serio e lento estudo da questão ortografica. Principalmente nas suas relações com o ensino infantil.

O maior ou talvez o unico prejudicado nessa confusão é o ensino. Pesadas dificuldades, enormes mesmo, embarçam a bôa continuidade dos trabalhos escolares, com a nova modificação dos metodos ortograficos. O cáos é impressionante. As creanças perderam o seu tempo, e o seu trabalho e os mestres o seu metodo, a sua orientação.

Não compreenderam que a impressão nas creanças é um dos aspectos mais reais de sua educação. A grafia aplicada a essas creanças perdurará intensamente e isto é um trabalhão para os mestres. Quantos tropeços a remover, quanto embaraço, levando-se em conta, nas lições e nos processos a serem applicados, o fator psicologico infantil, a predisposição da creança para tudo que é facil, simples, immediato.

Si trabalhamos, hoje, para transformar a escola num centro de atividades, em todos os sentidos, nucleo de elaboração em que se orientam atravez da experiencia, os interesses e a intuição infantis, dentro das normas essencialmente simples e claras, a revogação do uso da grafia moderna vem embaraçar, por muito tempo, o trabalho de assimilação infantil, particularmente, nos cursos pre-primarios, mesmo em face da literatura didatica atual quasi toda escrita na grafia revogada, o que estabelece absoluta confusão.



Grupo escolar da cidade de Faro, construído na administração Magalhães Barata.



Novo edifício do grupo escolar de Maracanã, inaugurado em junho do corrente anno.

Metodo para o calculo rapido dos coeficientes estatisticos

POR G. ZAPAN E PETRE LAZAR

Da Revista *Educateur* — Suissa

Notas de um teste de historia dos alunos de duas classes A e B que se vão comparar. (20 alunos por classes. As notas vão de 1 a 10—a melhor).

CLASSE-A	CLASSE-B	CLASSE-A (seguimento)	CLASSE-B (seg.)
3	3	7	7
4	5	8	7
4	5	8	7
5	6	8	7
5	6	8	8
5	6	9	8
6	7	9	8
6	7	9	8
7	7	10	9
7	7	10	10

As notas nas duas classes vão de 3 a 10. Assim a variação possível (V_p)—dada pela diferença entre os termos extremos duma serie—é de 7 para cada uma das classes. Ellas são iguais sob este ponto de vista. Passemos ao valor medio de cada classe ou a media aritmetica (M) das notas de cada classe ($\sum X$), dividida pelo numero das notas (n).

$$\text{CLASSE A} \quad M = \frac{\sum X}{n} = \frac{3+4+4+\dots+10}{20} = 6,9$$

$$\text{CLASSE B} \quad M = \frac{\sum X}{n} = \frac{3-5-5-\dots-10}{20} = 6,9$$

As classes, quanto á media, tambem, são iguais. Entretanto, observando as notas, vemos que ellas não estão distribuidas do mesmo modo nas duas classes. Matematicamente

esta distribuição pôde ser verificada e expressa pela variação média (VM), que será dada pela media aritmetica dos desvios absolutos. Assim depois de ter estabelecido desvios (D) dos termos de cada serie pela relação da média aritmetica (M) respétiva, podemos calcular a variação media.

$$VM = \frac{\sum' d'}{n} = \frac{3,9+2,9+2,9+\dots+3,1}{20} = 1,72 \text{ classe A}$$

$$VM = \frac{\sum' d'}{n} = \frac{3,9+1,9+1,9+\dots+3,1}{20} = 1,04 \text{ classe B}$$

$\sum' d'$ quer dizer a soma dos desvios absolutos.
 $\sum d$ quer dizer a soma algebraica dos desvios.

A distribuição das notas será marcada como segue:

Classe A $M=6,9 = 1,72$

Classe B $M=6,9 = 1,04$ o que quer dizer que, nestas

duas classes, as notas dos alunos se distribuiram da maneira seguinte:

Classe A de 5,2 a 8,6. Classe B de 5,9 a 7,9.

Eis em resumo o valor dos diferentes indices, servindo para comparação das duas classes:

CLASSE A	CLASSE B
VP 7. —	VP 7. —
M 6,9	M 6,9
VM 1,72	VM 1,04

Pelos valores encontrados vê-se que as classes tem o mesmo valor medio, porém na classe B os alunos estão mais agrupados em torno da mediana, de onde se conclue que a classe B é a esse respeito mais homogenea.

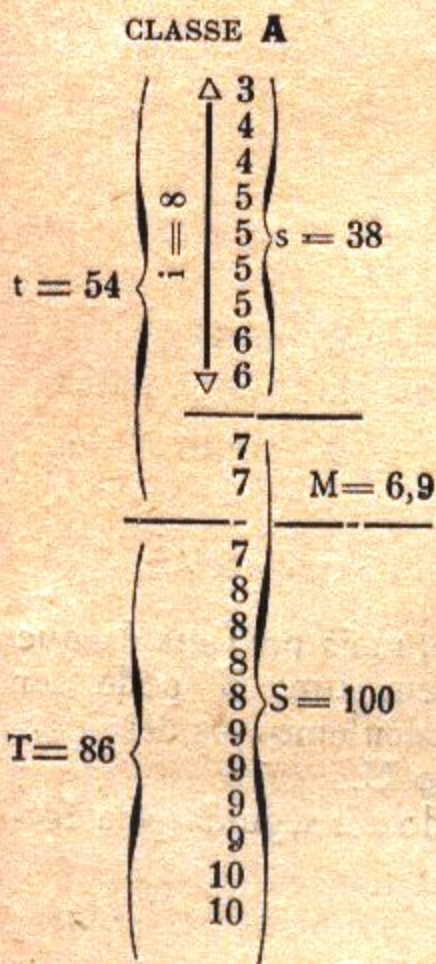
A homogeneidade da classe pôde ser melhor indicada pelo coeficiente de variabilidade (C) cuja formula é a seguinte

$$C = \frac{100 (VM)}{M}$$

Tendo o VM e a M duma serie, o C é facil de calcular. Assim teremos nos exemplos acima.

Classe A $C = 24,9$. Classe B $C = 15$ — o que nos mostra que a classe B é quasi duas vezes mais homogenea que a classe A, quanto ao estudo da historia. Vê-se então que para comparar as notas de duas ou varias classes, assim como para exprimir o valor de toda serie de notas, ou de outros dados experimentais, é necessario calcular em primeiro lugar a media aritmetica M e as variações media VM.

Estes calculos não são, aliás, muito complicados. A grande dificuldade reside sobretudo na obrigação, segundo metodo classico que nós acabamos de empregar, de adicionar todos os termos da serie para poder calcular a media aritmetica, e fazer igualmente a soma de todos os desvios para obter a variação media. Da mesma maneira é preciso contar n subtrações, para estabelecer os desvios. Para as series pequenas não é difficil, mas a dificuldade aumenta em relação a n , isto é, quanto maior fôr a serie, mais tempo será preciso para as operações em questão. Póde-se, então, adotar outro metodo mais rapido, que passamos a exemplificar:



1—Dividamos a serie das notas (ordenados segundo a grandeza) em duas partes iguais (ou pouco mais ou menos iguais se n é impar). — Seja t a soma das notas da parte compreendendo os termos menores, e T a soma da segunda parte.

2—Calculemos o valor M :

$$M = \frac{t + T}{n} = \frac{86 + 52}{20} = 6,9$$

3—Dividamos de novo a serie em duas partes : uma (s) representando a soma dos termos menores que o valor médio M , e o outro S dado para a soma dos termos iguais ou menores que M .

4—A variação media V_m . ser-nos-á dada pela formula $V_m = \frac{(S-s) + (2i-n) M}{n}$ na qual i representa o numero dos termos da serie menor que o valor medio M (em nosso caso $i=8$). — Temos então :

$$V_m = \frac{(S-s) + (2i-n) M}{n} = \frac{(100-52) + (16-20) 6,9}{20} = 1,72$$

Das tres operações massantes que falamos acima, a saber : a adição dos termos da serie, o estabelecimento de valor dos n desvios, a adição destes n desvios—evitamos por este novo processo, as duas ultimas operações.

SEGUNDO METODO: — Empreguemos sempre o mesmo exemplo: a classe A

CLASSE A			a ²
X	a		
3	-4		16
4	-3		9
4	-3		9
5	-2		4
5	-2	$\sum' x_i^2 = -18$	4
5	-2		4
6	-1		1
6	-1		1
M (6,9)			

U — 7	0	0
7	0	0
7	0	0
8	1	1
8	1	1
8	1	1
8	1	1
8	1	1
9	2	4
9	2	4
9	2	4
10	3	9
10	3	9

Para calcular o valor medio M:

1—Tomemos um termo U da serie, mais proxima da que nós pensamos estar o valor medio, — (em suma U pode ser não importa que o termo da serie), e calculemos os desvios a de cada termo pela relação com o termo U.

2—O valor medio M ser-nos-á dado em seguida pela formula Czuber $M = U \frac{\sum a}{n}$

Para ter a variação media (Vm), utilizemos a formula seguinte e temos:

$$V_m = \frac{i(M-U)-a}{n/2} = \frac{8(6,9-7) - (-18)}{10} = 1,72$$

formula em que são conhecidos todos os elementos (a quer dizer a soma dos desvios em relação a U, dos termos menores que o valor medio M). Vê-se, facilmente, que, por este segundo metodo evitamos completamente duas ou tres operações citadas mais acima, e ainda as mais massantes: adição dos n termos e a adição dos n desvios.

Desvio padrão. Outra fórmula de correção do valor medio M é dada pelo desvio padrão (σ) que certos estatísticos preferem á variação media (V_m). Vamos calcula-lo segundo Czuber o Thorndicke.

$$\sigma = \sqrt{\frac{\sum d^2}{n} - \frac{\sum a^2}{n} - (M-U)^2}$$

O quadro da classe A, na pagina anterior, nos dá: os termos (X), os desvios (a) em relação a U e os valores (a^2). Temos então:

$$\begin{aligned} \sigma &= \sqrt{\frac{\sum' a^2}{n} - (M-U)^2} = \sqrt{\frac{82}{20} - (6,9-7)^2} = \\ &= \sqrt{4,1 - 0,01} = 2 \end{aligned}$$

Coefficiente de variabilidade (V), de Pearson — Vimos mais acima a formula do coeficiente de variabilidade C, expressa pela formula: $C = \frac{100 (V_m)}{M}$

O coeficiente Pearson V, é dado pela formula:

$$V = \frac{100 \sigma}{M}$$

Vimos que Pearson σ é = 2 então: $V = \frac{100 \times 2}{6,9} = 28,9$

Nas series grandes, para facilitar as operações os termos serão apresentados como no quadro que segue:

Z' (frequencia)	X (termos)	CLASSE A		
		a	Za	Za
3	1	-4	-4	16
4	2	-3	-6	18
5	3	-2	-6	12
6	2	-1	-2	2
7	3	0	0	0
8	4	1	1	4
9	3	2	6	12
10	2	3	6	18

E' facil de notar o que indicamos nos calculos anteriores por a neste quadro é dado por Za . Da mesma maneira a é representado por Za .

Coefficiente de correlação (r). Para verificar se duas ou varias series variam juntamente, ou por outra para ver se dois alunos, por exemplo, estão ou não em relação, calcula-se o coefficiente de correlação. Este é dado por varias formulas, sendo a mais frequente a dos «produtos»—(Bravais—Pearson, $r = \frac{\sum d \cdot d'}{\sqrt{\sum d^2 \sum d'^2}}$)

$$\sqrt{\frac{\sum d \cdot d'}{\sum d^2 \sum d'^2}}$$

Exemplifiquemos o calculo de coefficiente de correlação feito segundo a formula de Bravais—Pearson.

Sejam as notas de historia e geografia dos alunos da mesma classe (20 alunos. As notas vão de 1 a 10 a melhor). Procuremos se ha ou não relação entre as aptidões destes escolares, no estudo destas disciplinas.

	CLASSE P			
	Hist.	Geog.		
Pat.	3	7	Mon.	7
Jul.	4	6	Nac.	8
Ant.	4	7	Car.	8
Alf.	5	6	Joa.	8
Ric.	5	7	Pal.	8
Ald.	5	7	Mar.	9
Alb.	6	7	Rod.	9
Old.	6	6	Abe.	9
Vald.	7	7	Moa.	10
Humb.	7	7	Ang.	10
				Geog.
				7
				8
				8
				8
				9
				8
				5
				5
				10
				8

Uma vez organizado o quadro de notas calculemos o coefficiente de correlação, empregando a seguinte formula:

$$r = \frac{U \sum a a' - (MU)(M' - U')}{\sigma \sigma'}$$

em que a (a'), M (M'), U (U'), representam elementos cuja significação já é conhecida. Começemos, então, por estabelecer o valor destes elementos. Sabemos que:

$$M = U + \frac{\sum a}{n} \text{ e que } \sigma = \sqrt{\frac{\sum a^2}{n} - (M-U)^2}$$

E' facil notar que para o calculo de todas estas tres formulas não temos necessidade de outra cousa senão de estabelecer o valor de a (a), a² (a'), e de aa', que faremos no seguinte quadro :

	Hist.	Geog.	a	a'	a	a'	aa'
J	3	7	-4	0	16	0	0
E	4	6	-3	-1	9	1	3
H	4	7	-3	0	9	0	0
F	5	6	-2	-1	4	1	2
B	5	7	-2	0	4	0	0
S	5	7	-2	0	4	0	0
U	6	7	-1	0	1	0	0
N	6	6	-1	-1	1	1	1
R	7	7	0	0	0	0	0
U	7	7	0	0	0	0	0
M	7	7	0	0	0	0	0
D	8	3	1	-4	1	16	-4
X	8	8	1	1	1	1	1
A	8	8	1	1	1	1	1
B	8	9	1	2	1	4	2
L	9	8	2	1	4	1	2
O	9	5	2	-2	4	4	-4
R	9	5	2	-2	4	4	-4
V	10	10	3	3	9	9	9
T	10	8	3	1	9	1	3
			a -2	a' -2	a 82	a' 44	aa' 12

Assim temos: U = 7; U' = 7

$$M = U + \frac{\sum a}{n} = 7 + \frac{(-2)}{20} = 6,9$$

$$M' = U' + \frac{\sum a'}{n} = 7 + \frac{(-2)}{20} = 6,9$$

$$\begin{aligned}
 g &= \sqrt{\frac{\sum a}{n} - (M-U)^2} = \sqrt{\frac{82}{20} - (0,1)^2} = \\
 &= \sqrt{4.009} = 2
 \end{aligned}$$

$$\begin{aligned}
 \sigma &= \sqrt{\frac{\sum a'^2}{n}} = (M' - U')^2 = \sqrt{\frac{44}{20} - (0,1)^2} \\
 &= \sqrt{2,49} = 1,5
 \end{aligned}$$

$$\text{Emfim } r = \frac{\frac{1}{n} \sum a a' - (M - U)(M' - U')}{\sigma \cdot \sigma'}$$

$$= \frac{\frac{1}{20} \times 12 - (0,1)(0-1)}{2 \times 1,5} = 0,19 \text{ donde: } r = + 0,19.$$

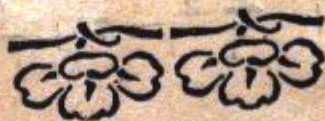
Como o coeficiente de correlação vai de + 1 a - 1, o algarismo 1 marca a correlação perfeita (positiva ou negativa), resulta que: $r + 0,19$ indica uma fraca correlação positiva.

BIBLIOGRAFIA

J. P. Fontenelle—O metodo estatistico em Biologia e Educação.

J. Scaramelli—Escola Nova Brasileira—Testes.

Os Testes e a Reorganização Escolar—Izaias Alves.





Uma scena da festa infantil no dia da inauguração do grupo escolar de Maracanã

OS PROCESSOS DA ESCOLA ATIVA NO PARA'



*Prof.ª Palmira Lins
de Carvalho*

O interessante torneio escolar realizado no dia 13 de junho no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, com a presença do sr. Major Magalhães Barata, Interventor Federal e do dr. Amazonas de Figueiredo, diretor geral da Educação, mereceu de quem o assistiu, os mais justos aplausos. Quem o dirigiu foi a inteligente e culta educadora paraense normalista Palmira Lins de Carvalho, uma das mais acentuadas vocações de preceptora de que se orgulha a nossa terra.

ESCOLA que surgiu para animar e orientar os progressos da pedagogia moderna em nosso Estado, dá com prazer, na íntegra, a bellissima lição e junta os seus aos justissimos parabens que recebeu a dedicada professora Palmira, extendendo-os a senhora professora Maria Ribeiro da Costa Aguiar, propecta diretora daquele estabelecimento de ensino pela dedicação e competencia com que desempenha os seus deveres funcionais.

Canto de saudação

Recebamos por entre alegria
Tão honrosa, tão grata visita
Ela vem nos trazer incentivos
Animar nossa luta bendita.
Legionarios da luz, contra as trevas,

Saberemos vitoria colher
Esta honra, tambem, saberemos
Da memoria jamais esquecer.

GINASTICA (imitativa).

Uma linda manhã, um grupinho de creanças da escola preliminar saiu passeio.

Os pequenitos se formaram e saíram cantando :

Quer para o homem
Quer para a flor
O sol é a vida
A luz, o calor.

Para saudá-lo
Vestem de festas
Todas as plantas
Todas as florestas.

E o mundo canta
Doce balada
Quando ele surge
De madrugada.

* * *

Andavam, naturalmente, na estrada, os pequenitos encontraram as laboriosas formiguinhas. Cautela! gritou o chefe da turma, e, então, os meninos foram nas pontas dos pés. Para chegarem mais depressa, cada um tomou um velocípede (*marcha imitativa com elevação do joelho*).

Chegaram ao Jardim, viram lindos cravos, angelicas, rosas e jasmíns e os cheiraram com muita satisfação (*Exercício respiratório*).

Estavam cançadinhos e sentaram-se. A filhinha do jardineiro veio convidá-los para tomarem um chocolate.

Na sala, as crianças viram o belo retrato da Princesa Isabel, nossa re-dentora, e entoaram o hino

Princesa Isabel

Princesa dona Isabel
Mamãe disse que a senhora
Perdeu o seu lindo trono
Mas tem um mais lindo agora.

No ceu está esse trono
Que agora a senhora tem
Alem de ser mais bonito
Ninguém o tira, ninguém.

Ahi no ceu quando chegam
Anjinhos em bandos mil,
Depressa a senhora abraça
Os que chegam do Brasil.

* * *

Elza, a filhinha do jardineiro, levou-os para verem o igarapé. As crianças sentaram-se à sombra de uma frondosa mangueira e admiraram o grande igarapé. Viram aí varios remadores (*imitar os remadores*). Perto dos meninos, pulou um grilo e os garotinhos imitaram o animalzinho barulhento.

O sol já estava muito alto (*equilibrio*) e as crianças resolveram voltar em marcha muito lenta. Vieram por outro caminho. Na mata, elas viram muitas borboletas e correram para apanhá-las (*corrida*). Não devemos prender os animais, disse o chefe da turma; e, cautelosos, continuaram o passeio (*andar nas pontinhas dos pés*).

Para chegarem ao pomar, tiveram de passar por uma ponte muito estreita (*equilibrio*).

Quando se livraram do perigo deram um salto e respiraram contentes. Em marcha lenta chegaram ao pomar. Viram as arvores quietinhas. Depois um vento forte soprou. E as arvores balançaram-se, balançaram-se (*exercício do tronco*).

Continuaram o passeio. Para chegarem mais depressa, tomaram o trem (*marcha*).

Perto da escola, saltaram (*saltaram*).

Viram os passarinhos, voando alegres para o ninho e as crianças voaram, contentes, para a escola.

Na escola respiraram satisfeitos e dispostos para o estudo.

Na sala de aula os meninos viram a Bandeira Brasileira. Recordaram-se da lição da vespera e cantaram :

O Brasil não tem
O Brasil não tem
Pano mais bonito
A que eu mais queria bem.

O Brasil tem muitas minas
Cada mina é um tesouro
E' por isso que a bandeira
Tem metade côr de ouro.

A bandeira brasileira
Tem no meio o céu pintado
Tem o céu com vinte estrelas
Cada estrela é um Estado.

Quando ha festa e em cada mastro
Bate o sol numa bandeira
Fico todo satisfeito
Quando vejo a brasileira.

Linguagem { Moral
Licões de cousas
Geometria
Geografia
Exercício oral
escrito

Aritmetica.

Desenho.

Declamação

Em palestra, falamos no Brasil, dando oportunidade a que as crianças recitassem as lindas quadrinhas

Enid :

Tudo é lindo em meu paiz
O céu, a mata, as florinhas
O mar, a serra, as campinas
E a voz triste das rolinhas :

Margarida :

Tudo é belo em meu Brasil
Seu passado nobre e puro
O progresso do presente
E a grandeza do futuro !

No coração brasileiro
Pulsa a bondade, a nobreza,
O sangue de um povo altivo,
Generoso, hospitaleiro !

No ameno céu do Brasil
Quasi sempre tudo azul,
Com seu encanto divino
Brilha o Cruzêiro do Sul.

Lisete:

No seio da minha terra
Palpita imenso tesouro
De esmeraldas, de brilhantes
De ferro, de prata, de ouro!

Quem nasce neste paiz
Maravilhoso e fecundo
Não troca a terra natal
Por cousa alguma do mundo.

Dramatização

(MORAL)

(Dialogo pelos meninos Orlando de Souza Teles Barbosa e Lisete Barbosa).

Orlando:

Lisete, fui de manhã ao quintal, encontrei o cacauero e tive vontade de arranca-lo, por que nos empata de brincar. Bati-lhe com este pau, mas caíram somente as folhas.

Estou tão zangado! Agora, venho buscar o machado.
Ele não ficará mais ali.
Queres ajudar-me?

Lisete:

Fizeste um grande mal, Orlando. As arvores merecem carinho e proteção.

Elas produzem frutos, sombra, morada para os insetos, avezinhas; dão-nos madeira, cascas medicinais, como a canela, quinino, jucá, jute, etc. Purificam o ar, embelezam a paisagem, o campo, a nossa casa.

Tudo o que nos rodeia é um produto da arvore: o nosso vestuario, a nossa casa, os nossos moveis.

O cacauero da-nos um bellissimo e util frutinho, o cacau, que é uma das fontes principais de riqueza do nosso amado Pará.

Sê, maninho, amigo das arvores.

Orlando (arrepellido).

Ah! Maninha! como fui tolo! Esqueci a lição da arvore... Agora estou arrependido. Maninha, vamos depressa, eu quero plantar uma sementinha.

O menino faz a plantação da semente num vaso e canta:

Pobre sementinha! Com tanta alegria
Vou deixar-te agora sob a terra escura
Mas não te abandono; virei todo o dia
No teu canteiro deitar agua pura.

Dorme, sementinha!
Fica bem quietinha,
Que sem te esquecer
Cuidarei de ti,
E no seio amigo desta nossa terra,
Uma vida nova encontrarás ahi.

Dramatisação final

Entre varias crianças.

Lisete Barbosa, que trazia um cacau embrulhado, disse:

Quero ver quem advinha
O que eu tenho aqui na mão!
E' uma fruta saborosa.

Oneide, Adelaide, Alda, Orlando, Eunice, Enid, Ducicléa, Bonina e Maria Isaura, responderam:

Será banana ou mamão?

Lisete:

Nada disso! Que tolinhos!
Prestem atenção para mim;
Tem gomos, é compridinho,
Com forma de zepelin.

Oneide:

De zepelin? Que será?
Não tem forma de avião?
Eu já sei! E' melancia!
E' sapoti, é melão!

Lisete:

Qual nada! Não adivinham?
Alem de fruta escolhida
Dá frescor, dá bom doce
E' saborosa bebida!

Alaide:

Não sei. Não posso atinar
Dize então. Não sejas má.

Lisete:

Não sabem, meus amiguinhos?
Eis aqui é o bom cacau.

Orlando:

Ora, meu Deus! Grande coisa
Uma fruta tão agreste
Desse cacau, minha gente,
Sai cousa alguma que preste?

Lisete:

Oh! Não sabes? Que tolinho
Tu nada sabes rapaz!
Não vês que o bom chocolate
E' do cacau que se faz?

Antonio:

Por falar em chocolate:
Como gostas de o comer?
Em bombom ou mesmo em pó;
Como te dá mais prazer?

Alda (responde:)

Como bebida é delicia
Em bombom é bom demais
E quem diz que é desta fruta
Que tanta coisa se faz?

Enid :

E a geléa ? Não conhecem ?
Que bélo doce que é !
E também do bom cacau
Que se faz o capilé !

Elezir :

Do cacau, eu muito gosto
Do saboroso licor
Que é bebida muito usada,
De apreciado sabor.

Lisete :

Eu gosto é do chocolate !
E' dos doces o melhor !
E' deveras saboroso
O seu gosto eu sei de cór.

Orlando :

Tu decoraste o sabor
Do chocolate, meu bem ?

Lisete :

Se tenho aqui na cabeça
O gostinho que êle tem...

Eunice :

Eu, então, vivo pensando
Como se pode fazer
De um caroço feio e seco
Doce tão bom de comer.

Bonina :

E' preciso ter a arte
Do manual de doceiro
Para aproveitar a parte
Do fruto do cacauero.

Ducicléa :

E, o vinho, o xarope, o sabão, os meus amiguinhos já conhecem ?

Todos os meninos :

Conhecemos sim e muito bem.

Ducicléa :

Vocês não imaginam como aprecio a vovozinha !

Ela resa, conta historia, advinha e faz remedio...

Outro dia, fazendo o mingão, queimou-se a nossa empregada.

A vovosinha correu e disse : não ha nada, menina passe a manteiga de cacau.

Algumas crianças :

Que excelente fruto o cacau !

Bonina :

E é o produto do Pará
Da nossa terra natal
E' pois, uma fruta util
E de um valor sem igual.

Todos (cantando)

Viva, pois, o bom cacau,
Fruta béla e aproveitada
Que dá o bom chocolate
Delicia da criança.

Margarida Moreira:

Muito bem ! Caros amigos,
Devemos ao terminar
Oferecer nossa festa
A quem nos veio visitar.

Acceitai esta homenagem
Da nossa admiração
E da infancia d'este Grupo
A festiva saudação.

Hino «Major Barata», cantado pelas crianças da escola preliminar.
Hino Nacional.

SÓ o professor mediocre, que limita a sua miserável ambição a estar tranquilamente na escola (ambição, aliás, sempre falível) não experimentará a necessidade de assegurar-se da colaboração dos pais. O mestre consciencioso, que ama a sua missão e as crianças que lhe são confiadas sente profunda satisfação em libertar a vontade moral da criança dos prejuizos e dos instintos inferiores que a oprimem.

Esta obra de libertação, que êle sabe ser a sua tarefa essencial, continuá-la-á fora da escola. Tentará, discretamente, levar os pais a ajudá-lo e a proseguirem em casa a obra esboçada na escola. Quando os pais vêm os filhos tornar-se mais obedientes, mais respeitosos, mais prontos a tornarem-se úteis e a oferecer os seus serviços, dispõem-se inteiramente a vir em ajuda do professor que, inculcando mais moralidade na alma da criança, sabe introduzir, ao mesmo tempo, mais felicidade e afeto na família.

JULES PAYOT.



A SOCIALISAÇÃO DA ESCOLA

Discurso proferido pela diplomanda Ruth Pires dos Reis, por ocasião da collação das normalistas de 1933, no Collegio Progresso Paraense.

Exmo. Sr. representante do Interventor Federal do Estado. Demais auctoridades. Prezado Director. Queridos e abnegados mestres. Gentis collegas diplomandas. Meus senhores, minhas senhoras. Demais pessoas aqui presentes.

No acto de uma investidura de uma missão professional da maior importancia de todas, sentimos a mais profunda emoção, neste noivado scientifico em que o cerebro e o coração palpitam e tumultuam, inebriados pelo momento psicologico.

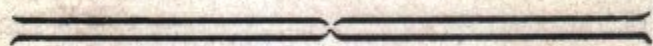
Tendes assistido a muitas dessas cerimoniaes e por certo comprehendéis ou avaliaes este estado de alma das professoras normalistas ao receberem o seu diploma de mestra da infancia para a ingente tarefa de educal-a; sobretudo tendes ouvido das oradoras das respectivas turmas diplomadas, a manifestação dos seus pensamentos. Vae nisto algumas vezes, mais litteratura e sentimentalismo do que uma bem entendida revelação pedagogica, e eu receio incidir no mesmo caso dessas miragens, se estérnrsse neste recinto solemne, todas as illusões dos meus sonhos, para depois, na pratica das funções de mestra, vê-las se irem pouco a pouca apagando, através das vicissitudes e realidades da vida escolar.

Mas, o que vos poderia dizer eu de novo e original, depois de tantas informações dontrinarias feitas no presente e no passado e que já se acham previstas, discutidas e até impressos em livros e revistas?

Eu iria nesse caso reproduzir essas idéas com um exito menos favoravel porque reconheço a deficiencia de minha capacidade. No emtanto, entendo que a minha missão de órgão da presada turma que me elegeru, não se deve limitar sómente a agradecer aos nossos mestres e despedir-me de seu querido



Alumnos do grupo escolar Benjamin Constant (Bragança)



Edificio do grupo escolar da cidade de Bragança

Instituto. Penso que, a nós outras oradoras, nos corre o dever de externar com lealdade as nossas convicções, a par da promessa feita solememente de nos dedicarmos á faina da educação da mocidade.

Effectivamente, senhores, não basta a nossa cultura haurida no curso de normalistas; não basta a nossa bôa vontade vocacional que nos faz entrar na liça ou combate contra o analfabetismo; não bastam os programmas de ensino preestabelecidos ao nosso labor insano; não. Entendo que, assumindo a direcção de uma escola ou classe de alumnos, devemos reflectir muito e estudar os problemas da actualidade compulsando os tratados de Sociologia pedagogica e, sobretudo, auscultar as tendencias sociaes do actual momento que nós vivemos; porquanto, é o professor que faz a escola e aviventa o ensino; é elle quem terá de executar os programmas, orientando-os de accordo com um espirito ou uma philosophia que os sobreleva; emfim, é elle quem faz actuação, tendo em vista a solução dos problemas vitaes de nossa nacionalidade.

Muito se fala hoje em Escola Nova, em Escola Unica, Escola Activa e nada disso traduz uma novidade. Os testes mentaes ou pedagogicos já são entre nós praticados como meios de apurar o quociente mental e o aproveitamento cultural dos nossos alumnos. Nossas leis de ensino, já incluem, independentes mesmo da Pedagogia Experimental ou de Laboratorios, disposições sobre a utilização de museus, excursões escolares, visitas a centros industriaes, circulo de paes e de professores para interessal-os na vida normal da escola; enfermeiras ou assistentes, ligas de bondade, pelotões de saúde e outras iniciativas e instituições de grande alcance educativo, e tudo isso caracteriza a escola actual que deve ser incorporada ao meio ou, como diz Fernando de Azevedo, com elle articulada em relação com a vida da sociedade, essa escola que transforma as licções em experiencias directas e pessoas do alumno. Effectivamente senhores, é o problema da socialisação da escola que mais devemos visar antes dos outros que lhe são dependentes, e basta isso para exhaurir as nossas forças e preoccupar a nossa mente, porque são imensas as difficuldades que temos de adaptal-a ao meio immediato, e entre elles basta lembrar que nem todos os paes de alumnos querem vir ao nosso encontro, ou são competentes para nos auxiliar. Alem disto, o ensino de hoje já não é mais ministrado como era o das primeiras Escolas Normaes que, segundo José Verissimo, deixavam muito a desejar, não passando de escolas primarias de segundo gráo, a despeito dos programmas pomposos onde figurava o ensino theorico da Pedagogia rotineira.

Mas, ainda assim, o novo espirito philosophico que reanima o Curso Primario tem de esperar muito para passar dos programmas e effectivar-se em factos unidos e de exito completo para a finalidade pedagogica visada. Porquanto, eu tenho como quasi inelutavel, a difficuldade que se nos antolha de conseguir entre nós a socialisação da escola, que é problema da ordem do dia.

Em varios livros da preciosa «Bibliotheca da Educação», organisada em bôa hora por Lourenço Filho, já podemos comprehender este triumphante conceito dessa educação creado pelo grande pedagogista yankee, John Dervey, para quem a nova escola deve simplificar o ambiente, de modo que a creança possa conhecer gradualmente os segredos da vida social; deve ser um meio purificado para que venha a espungir da sociedade os seus velhos defeitos; deve ser emfim, um ambiente de integração social, uma casa de confraternisação de influencias coordenadas, harmonisadas e consolidadas para a formação de intelligencias capazes.

Nessa escola, só se apprende bem o que se pratica; e não basta praticar; é necessario que haja a intenção e o interesse de apprender e esse interesse tem de ser suggestionado pelo mestre, sempre visando a sociedade. Anisio Teixeira, entre outros, tambem aborda o mesmo problema da socialisação da escola, afirmando que esta é o retrato da sociedade a que serve, emquanto que a tradicional, é o daquella que está em via de desaparecer. Ella formará homens livres e activos, em vez de doces como dantes, preparando-os para um futuro incerto e desconhecido, sem transmittir-lhes um passado fixo; e para tal finalidade, diz elle com razão, torna-se necessario um novo professor, com novo programma e um novo methodo. Não basta portanto, que os alumnos sejam activos; é preciso que saibam escolher a sua actividade. Educar é crescer e crescer é viver. E conclue, que, da premissa da creança autonoma e livre, é que temos de partir para a aventura da nova educação. Uma aventura!

Pois bem, senhores, é essa «aventura» que nos enche de hesitação quando encaramos o problema do ensino moderno, de accordo com o novo espirito pedagogico.

Do mesmo modo, a doutrina de Kilpatrick, outro grande educacionista americano, contribue ainda para uma sorte de confusão de que precisamos sahir. Porquanto, segundo elle, estamos numa época de transicção para uma outra idade historica, aberta e nas condições trazidas pela ultima guerra mundial, seguida das innovações e inventos das sciencias experimentaes, que revolucionaram o mundo, transformando a vida, a saber: a electricidade nas suas multiplas applicações;

o radio, o cinema, a litteratura, os transportes aéreos, os edificios collossaes, etc... numa febre de industria, de especulações de ordem moral, politica e economica. Deu-se então o declinio do «autoritarismo» ou do *magister-dixit*, isto é, aboliu-se a submissão ou docilidade tradicional como succedeu com o direito divino dos reis e doutrina de Aristoteles, e na Idade Média com a auctoridade do Papa, que uma grande parte da Igreja Christã substituiu pela Biblia, encerrando a palavra de Deus.

Assim, lucta-se hoje com o problema de substituir a auctoridade externa, por uma interna proveniente da convicção ou consciencia scientifica dos individuos, evitando-se o perigo de abandonar uma, sem aquisição de outra, o que produziria um verdadeiro cháos na sociedade, se não houver um guia bastante sensato para que o futuro apresente uma moral melhor de costumes mais puros. Esse guia é o professor primario.

Uma vez que os paes se vão retirando cada vez mais da vida dos filhos no regimen socialista, a escola deve salvá-os, preparando-os, fazendo-os viver a vida exigida pelas novas condições existenciaes. Portanto, os nossos alumnos precisam familiarizar-se com os problemas da civilização a que devem pertencer e nós devemos auxiliar a mocidade a resolvel-os por si, por sua auctoridade interna, como hão de fazer na vida pratica. A nova escola de transição, terá que eliminar as materias mortas, para cultivar nos laboratorios a sciencia experimental e a faculdade critica, para tanto, torna-se mais necessario o mestre do que o proprio edificio e o proprio aparelhamento escolar.

Em summa senhores, precisamos preparar a mocidade para enfrentar os grandes perigos da actual crise economica e espiritual que, na opinião de Afranio Peixoto, é a mais espantosa que o mundo já viu. Já houve quem escrevesse afirmando que a civilização occidental faliu; que nessa civilização em mudança, estamos ameaçados de uma nova Idade Média pela lucta das classes, pela crise da fé e da auctoridade. Afranio Peixoto diz que anda solto o espirito do motim, de desordem, de caudilismo, de racismo e de communismo, não bastando para conjurar esses perigos, os remedios empiricós das facções, das seitas ou dos partidos.

Só a bôa escola activa poderá salvar a sociedade.

Meus senhores :

Pondo de parte a doutrina dos Americanos do Norte, eu penso que, enquanto não somos assaltados por esses perigos, devemos antes de tudo educar a mulher brasileira, principalmente a Mãe de familia, porque ella sabe influir na primeira

infancia e essa influencia quando é bôa, torna-se decisiva durante a vida inteira.

Nesse sentido, ninguem melhor que José Verissimo, conceituado pedagogista e sociologo paraense, tão injustamente esquecido, doutrinou no seu magnifico livro intitulado «A Educação Nacional» que a mulher, mãe, esposa, amiga e companheira do homem, sua alliada na lucta da vida, criadora e primeira mestra de seus filhos, confidente e conselheira natural de seu marido, dona e reguladora das economias da casa e sujeita aos deveres correlativos a cada uma dessas funcções, deve especialmente ser instruida de accôrdo com as necessidades presentes. Ella não deve mais ignorar a sociologia adequada á sua Patria, ao seu seculo e á sua civilização, como tem sido por um certo ensino rotineiro, quando devia preparar-se para ser a alma da familia, a celula social. E assim, trabalhando pelos nossos melhores ideais como sejam os da nossa propria nacionalidade, não deixaremos de fazel-o tambem com a fé em Deus que para os proprios pragmatistas, é o que ha de ideal em todas as coisas.

Finalmente senhores, para encerrar com fecho de ouro a nossa argumentação, eu quero apenas citar-vos o feliz pensamento de um cientista e patriota brasileiro que acaba de desaparecer, Dr. Miguel Couto. Elle provou em uma de suas melhores conferencias que no Brasil só ha um problema nacional que é a educação do povo e a maior riqueza de uma nação é o proprio homem, com seu sangue, seu cerebro e seus musculos e não os thesouros naturaes que ella encerra, o que quer dizer, que sem a educação, nada valem taes riquezas,

Meus senhores :

Até aqui falou o cerebro.

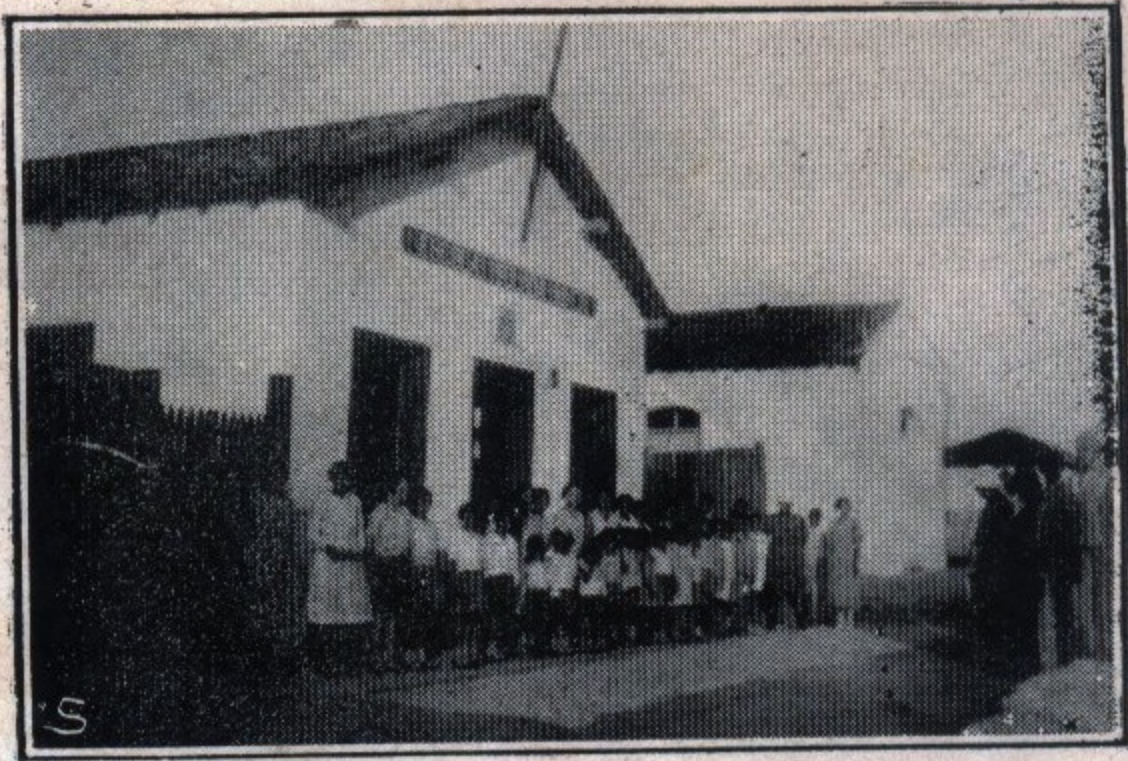
Permitti, que fale agora um pouco o coração, esse eterno prisioneiro do nosso corpo, mas, ainda assim, o unico fiel interprete das nossas mais intimas emoções.

Nestes momentos da vida, em que sentimos palpitar bem perto a hora das despedidas e da separação, é impossivel ao cerebro concatenar idéas, coordenar phrases, escolher palavras, que traduzam com perfeita clareza e exactidão, o confuso tumultuar da abundancia de sentimentos oppostos que, precipites, transitam em nossas almas.

Só aos corações é dado o condão magico de os comprehender e explicar.

E, com effeito, como dizer da gratidão que devemos ao nosso illustre e prezado director, alma generosa e bôa, sempre vigilante a nos encaminhar para o bem?

Como dizer da gratidão que devemos aos nossos estimados mestres, trabalhando annos e annos seguidos com dedica-



Escola isolada de Urumajó, Bragança



Grupo escolar de Santa Izabel

ção e brandura, para nos transmittir as luzes do seu saber e os exemplos de sua nobilitante conducta?

Como dizer da inebriante alegria que nos estremece a alma, ao receber nesta hora augusta, o diploma symbolico que significa o fructo de que fôra o nosso trabalho a flôr?

Finalmente, como dizer da profunda emoção dorida que nos contorce o peito ao despedirmo-nos dos nossos estorçados mestres, das nossas jovens collegas, cuja convivencia de alguns annos neste veneravel Instituto de educação, ou para melhor dizer no seio desta grande familia, creou entre todos estreitos laços de amizade e estima, de confraternização e solidariedade?

Diga-o o coração. Só elle sabe comprehender e sentir os acúleos das saudades, desse «gosto amargo de infelizes, delicioso pungir de acerbo espinho» no poetico dizer de Almeida Garret.

Mas, como o coração não pôde, no verbo, expressar os seus sentimentos, resta-nos apenas o consolo de implorar aos céos, de pedir a Deus, como pedimos, que ampare e proteja os nossos educadores, que derrame suas graças e sua benção divina sobre este sagrado templo de sabedoria e de trabalho, para que, progredindo sempre, continúe a produzir gerações e gerações de moços dignos, de caracteres perfectos, de educadores integraes, de patriotas impetérritos, capazes de combater o confusionismo e as incertezas em que se debate a patria na hora actual, e de integrar nos seus formosos e brilhantes destinos, o nosso querido Brasil.

Tenho dito.

A Directoria Geral da Educação e Ensino Publico, chama a attenção dos senhores directores dos estabelecimentos particulares de ensino desta capital e do interior, para a obrigação da remessa mensal dos mappas de matricula e frequencia até o dia 5 de cada mez, de accordo com artigo 215 do decreto n. 1.163, de 8 de janeiro de 1934, que approva o regulamento do ensino primario do Estado, a fim de que não incorram na multa de 100\$000, conforme o artigo 216 do mesmo decreto, pelo não cumprimento dessa obrigação.

INSTITUTO CARLOS GOMES

Comemoração de 11 de Julho

Comemorando a data natalicia do seu patrono, o Instituto «Carlos Gomes» inaugurou, por iniciativa de sua diretoria e corpo docente, na manhã de 11 de Julho findo, em seu salão principal, um nitido e artistico retrato do genial maestro brasileiro, cujo nome lhe serve de égide.

Foi o ato assistido pelo sr. dr. Amazonas de Figueiredo, diretor geral da Educação e Ensino Publico, que proferiu brilhante alocução, dizendo do seu entusiasmo civico diante do retrato de Carlos Gomes.

Foi dada a palavra, em seguida, ao profesor João Pereira de Castro, catedratico de historia e estética da musica, que pronunciou a seguinte:

Oração ao Genio — Eu te admiro e te venero, ó Genio do Som e da Harmonia, no suntuoso esplendor de tua gloria, na glorificação universal de teu nome — a mais fulgurante estrela da constelação da arte musical nas Americas.

Abstraio-me na contríta genuflexão do fanatizado deante do seu idolo, no deslumbramento do sêr terreno fitando a luz dos astros, para dizer-te, ó Genio da Arte, todo o fervor do meu culto á luminosidade de tua inspiração, á imprevisita originalidade do teu indianismo patriotico, ao fecundo poder e á brasilidade de tua imaginação flamejante, cujos surtos arrojados se elevam, muito acima do talento humano e pairam bem alto, mais proximos do céu que da terra.

Surgiste com a finalidade do sol: inundaste de luz o mundo inteiro, como de harmonia o inundaste ainda antes de atingires o zenith de tua gloria.

E, para honra nossa, nasceste, ó Genio, no Brasil.

Tua vida de predestinado, desde os primeiros remigios de tua quasi divina destinação, desde o «Hino Academico», «Noites do Castelo», «Joana de Flandres»,

«Se sa minga» e «Bela luna», foi sempre uma escalada progressiva de triunfos, uma vertiginosa ascensão para o Ideal, que tão cêdo te cingiu a fronte augusta, com o diadema sideral da imortalidade, qual resplendor dos consagrados do céu, dos eleitos de Deus.

Luminosa via-látea foi a tua irrevalizavel trajetória sobre a terra, lantejoilada, como larga faixa de céu pontilhada de estrelas, por vitorias inexcediveis, que te elevaram á admiração dos povos cultos e á sa-gração de tua Patria, orgulhosa de tão grande filho.

Embalaste e embeveceste, aos acordes impressionantes de tua musica, inimitavelmente lirica, o Brasil e o mundo todo, porque de extrema á extrema do planeta, são as nações sacudidas pelas fortes emoções do «Guaraní», a realização d'arte nacional que mais envaidece a nossa raça.

Nacionalizaste e enriqueceste a musica, a cujo precioso Tesouro juntaste a pedraria inegalavel, de fulgores extranhos e valor sem limite, que são as centelhas mais vivas de teu talento creador: «Guaraní», «Tosca», «Maria Tudor», «O Escravo», «Condor» e «Salvador Rosa», operas de tão fino labor e tão cintilante concepção artistica, que «se tornaram populares como as mais populares operas de Verdi».

A tudo excedeste, entretanto, na primeira dessas obras geniais, em a qual se espelha a imagem querida da nossa nacionalidade, nos mais intimos encantos de sua beleza nativa. Nela completaste, em tão atordoante coriscar de ritimos regionais, a bemaventurada trilogia da poesia, da musica e da prosa, formando entre Gonçalves Dias e José de Alencar.

Creaste e refundiste, nessas paginas de harmonia divina, de enlevos e exaltações indescritiveis, um simbolico ideal de arte para as brasilicas terras de Perí, em prodigiosa polifonia de sons, de luzes e de côres, desde a verde rama das florestas invias e do sibilar das flexas selvagens, ao fulgor do sol equatorial e aos preconceitos burguezes de nossos coévos.

E depois de tanta gloria em vida, legaste ao Brasil, com a tua morte, um nome glorioso.

Teus olhos grandes e expressivos, que contemplaram o mundo a te render homenagem, quizeram cerrar-se, ó Genio, para o eterno sono da posteridade, á luz de nosso sol, sob o azul do formoso céu paraense.

Capricho feliz do destino que te fez admirado e querido por toda a tua Patria: nasceste no sul e mor-